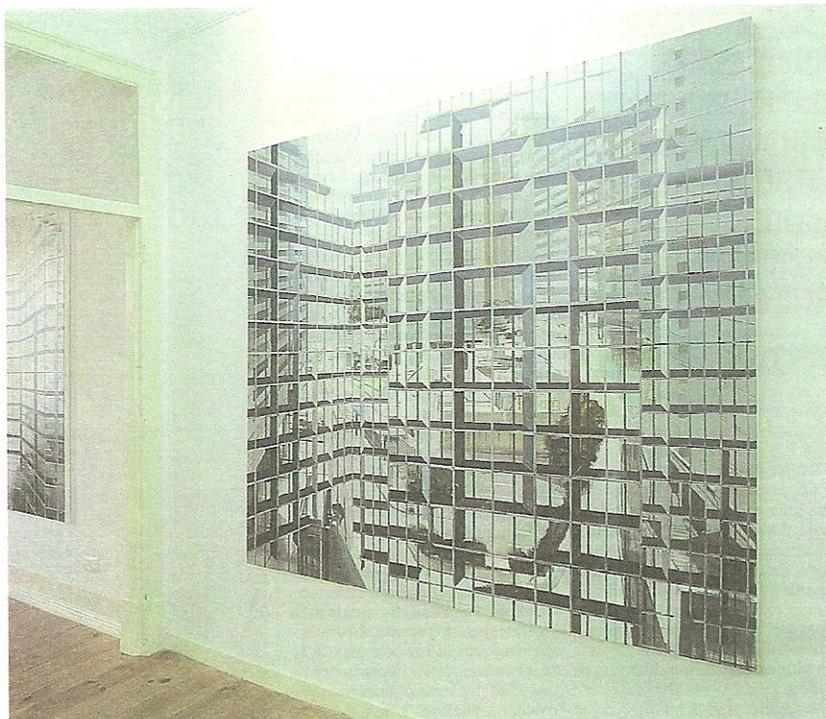


Driss Ouadahi pinta os bairros da imigração

O artista argelino, radicado na Alemanha, expõe pela primeira vez na Caroline Pagès, em Lisboa.

Luísa Soares de Oliveira



Nasceu em Marrocos, mas considera-se argelino. Vive na Alemanha, mas a sua carreira profissional faz-se sobretudo a partir de França. Driss Ouadahi, que acaba de inaugurar a sua primeira exposição de pintura na galeria Caroline Pagès, em Lisboa. *Implosion*, possui uma história de vida que partilha com outros artistas do Magrebe da sua geração. “Os meus pais emigraram para Marrocos antes de eu nascer, por razões de trabalho”, conta, “mas quando chegou a altura de ir para a faculdade, eu já vivia em Argel”. Foi nesta cidade que se inscreveu em Belas-Artes, primeiro em arquitectura, depois em pintura. “Mas essa época não era uma boa aposta para estudar artes. Havia muita instabilidade política na Argélia, com ataques constantes por parte dos extremistas. O director da Escola de Belas-Artes e o filho dele chegaram mesmo a ser mortos num atentado. Foi nessa altura que decidi emigrar.”

A sua pintura representa edifícios modernistas, por vezes reduzidos a simples grelhas que, nas obras mais recentes, parecem estar a ponto de ruir. Pontualmente, manchas informes misturam-se com as linhas geométricas dos edifícios representados. “É verdade”, explica, “é que a natureza está sempre a querer irromper pelos interstícios do betão. Por isso é que eu tento sempre jogar com a dualidade entre aquilo que é construído e aquilo que não é.” Na realidade, a arquitectura surge na sua obra como reacção ao que viu na Alemanha quando lá chegou, em 1988, para estudar na Kunst Akademie de Dusseldórfia: “A pintura que

se fazia era neo-expressionista, violenta, e sobretudo sombria.” Cada colega teria o seu estilo, mas o que mais impressionou Driss Ouadahi foram as cores escuras: os negros, os cinzas e por aí: “Disse a mim próprio que aquilo não tinha nada a ver comigo, que vinha do Sul. Resolvi procurar inspiração nas minhas raízes, e foi aí que regressiei à arquitectura.”

As primeiras obras recordavam os edifícios típicos do Magrebe, em taipa, pintados de cores vivas, e a luz brilhante do Sul. Ouadahi explica que, “talvez por nostalgia, queria dar um corpo à pintura”. Entretanto, em viagens a França, que fazia com frequência, conheceu a realidade das *cités*, os bairros da periferia destinados aos imigrantes, e das *Habitations à Loyer Modéré* (HLM): apartamentos sociais de renda barata, quase guetos, onde se amontoam as diversas etnias oriundas das antigas colónias francesas. “Na realidade, o nascimento destes bairros está estreitamente ligado à população do Magrebe. E estas gentes têm uma história parecida com a minha: eram, e são, imigrantes.”

Sob suspeita

A Driss Ouadahi não lhe interessam a crítica possível às condições económicas e sociais das *cités* europeias, ou sequer a reflexão sobre a sua implantação, logo na década de 60, depois das independências dos países do Magrebe, no Norte de África. “Para as pessoas que moram nestes lugares, mudar-se para um apartamento destes significa sempre uma melhoria das condições de vida. As críticas vêm do exterior, raramente do interior.” Do mesmo

modo, é em França que a sua carreira tem vindo a progredir, “não na Alemanha. Em Dusseldórfia sou conhecido localmente. Mas é a partir de França que surto associado a um grupo consistente de artistas magrebinos que vive fora do seu país. E a França, ao contrário da Alemanha, que tem muitos problemas com a integração dos artistas da antiga RDA, dá um grande destaque à arte contemporânea das suas ex-colónias.” Ouadahi já expôs no Institut du Monde Arabe em Paris, por exemplo, e participou em colectivas em São Francisco, Nova Iorque, Madrid e na 54.ª Bienal de Veneza, para além de manter presença regular em mostras em França e no próprio Magrebe. O facto de ter eleito a pintura como seu meio de expressão reflecte bem a condição global da arte actual, mesmo quando os seus praticantes vêm de destinos aureolados pelo exotismo ou pela distância. É que a pintura possui uma história e uma tradição estreitamente associadas à Europa, ao colonizador, a um modelo estético exterior, mas apropriado pelo artista. Ouadahi é tão argelino como europeu, no fundo, e esta constatação obriga-nos a interrogar a pertinência e a operatividade de tradições, formas, técnicas. De resto, o facto de o artista ter tido de emigrar para poder receber a aprendizagem de que necessitava é partilhado com muitos dos seus conterrâneos: “A pintura sempre foi uma coisa suspeita nos países muçulmanos extremistas. Ainda é: basta ver a viragem que as diferentes primaveras árabes provocaram nas sociedades de todos os países do contorno mediterrânico. As coisas vão de mal a pior.”